

Caminhos para abordagem de transtornos mentais nas instituições de ensino: Uma ação em saúde mental com o público infanto-juvenil

Pathways to about mental disorders in teaching institutions: An action in mental health with the child-youth public

Caminos hacia los trastornos mentales en las instituciones docentes: Una acción en salud mental con los hijos de niños y jóvenes

Recebido: 08/12/2020 | Revisado: 13/12/2020 | Aceito: 17/12/2020 | Publicado: 21/12/2020

Lauany Silva de Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5683-6347>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: lauanymedeiros@gmail.com

Karen Silva de Castro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8463-0322>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: silvakaren2021@gmail.com

Nayara Fernanda Alves Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1094-7399>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: nfernandamoreira@gmail.com

Michele Pinheiro Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5316-9908>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: michelepinheiroferreira@gmail.com

Amanda Ouriques de Gouveia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6874-8352>

Santa Casa de Misericórdia do Pará, Brasil

E-mail: mandinhaouriques@gmail.com

Renata Campos de Sousa Borges

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7510-5582>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: renatasousa88@hotmail.com

Valeria Regina Cavalcante Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0788-5246>

Santa Casa de Misericórdia do Pará, Brasil

E-mail: valregsantos@hotmail.com

Milena Coelho Fernandes Caldato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7077-8470>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: milenacaldato@hotmail.com

Daniele Lima dos Anjos Reis

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8447-6828>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: anjo.daniele@hotmail.com

Jose Ronaldo Teixeira de Sousa Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8730-9304>

Centro Universitário do Estado do Pará, Brasil

E-mail: ronaldosousajr@gmail.com

Carmem Lúcia de Araújo Paes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9365-2451>

Santa Casa de Misericórdia do Pará, Brasil

E-mail: carmemaraujopaes@gmail.com

Aline Ouriques de Gouveia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8743-1433>

Universidade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel, Brasil

E-mail: aline_tuc@hotmail.com

Laís Araújo Tavares da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8743-1433>

Universidade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel, Brasil

E-mail: laisaraujotd@gmail.com

Alisson Ouriques de Gouveia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1483-5060>

Centro Universitário UNIFACISA, Brasil

E-mail: alisson_ouriques@yahoo.com.br

Resumo

Relatar uma educação em saúde, para adolescentes de uma escola pública em um município do interior da Amazônia Brasileira. Trata-se de um relato de experiência de cunho qualitativo, exploratório e descritivo, de caráter crítico-reflexivo, sobre uma intervenção de saúde mental que foi embasado no método da problematização, com aplicação das 05 etapas do Arco de Magueréz. Participaram da ação 50 alunos do 06º ano de ensino fundamental e 24 alunos do 01º ano de ensino médio, totalizando 74 participantes, sendo no total 37 do sexo feminino e 13 do masculino, entre a faixa etária de 13 a 17 anos. Nesse sentido, promoveu-se palestras e a criação de grupos terapêuticos, a fim de prestar uma tenção integral as necessidades individuais de cada aluno. Notou-se um déficit na rede de atenção psicossocial, devido a inexistência de um núcleo de assistência psicológico específico ao jovem, na região. Logo, foi possível detectar possíveis sofrimentos psicológicos e auxiliar junto a coordenação pedagógica.

Palavras-chave: Educação em saúde; Saúde mental; Adolescência.

Abstract

To report health education for adolescents from a public school in a municipality in the interior of the Brazilian Amazon. This is a qualitative, exploratory and descriptive experience report, of a critical-reflexive nature, about a mental health intervention that was based on the problematization method, with the application of the 05 stages of the Magueréz Arch. 50 students from the 6th year of elementary school and 24 students from the 1st year of high school participated in the action, totaling 74 participants, with a total of 37 female and 13 male, between the age group of 13 to 17 years. In this sense, lectures and the creation of therapeutic groups were promoted, in order to provide full attention to the individual needs of each student. There was a deficit in the psychosocial care network, due to the lack of a specific psychological assistance center for young people in the region. Therefore, it was possible to detect possible psychological suffering and assist with pedagogical coordination.

Keywords: Health education; Mental health; Adolescence.

Resumen

Informar sobre educación en salud para adolescentes de una escuela pública de un municipio del interior de la Amazonía brasileña. Se trata de un relato de experiencia cualitativa, exploratoria y descriptiva, de carácter crítico-reflexivo, sobre una intervención en salud mental que se basó en el método de problematización, con la aplicación de las 05 etapas del

Arco de Maguerez. En la acción participaron 50 alumnos de 6° de Bachillerato y 24 de 1° de Bachillerato, totalizando 74 participantes, con un total de 37 mujeres y 13 hombres, entre el grupo de edad de 13 a 17 años. En este sentido, se impulsaron las conferencias magistrales y la creación de grupos terapéuticos, con el fin de brindar una atención completa a las necesidades individuales de cada alumno. Hubo un déficit en la red de atención psicosocial, debido a la falta de un centro de atención psicológica específico para los jóvenes de la región. Por tanto, fue posible detectar posibles sufrimientos psicológicos y ayudar con la coordinación pedagógica.

Palabras clave: Educación para la salud; Salud mental; Adolescencia.

1. Introdução

A transição do adolescente ao adentra em uma nova realidade, com deveres, direitos e perspectivas futuras, torna-se necessário para que este idealize sua personalidade, acerca dos novos rumos que percorrerá na vida, com isso, é uma época de grande perseverança na realização dos sonhos. Por outro lado, alguns autores consideram a adolescência como um estágio de luto do ciclo infantil, pois, o sujeito passa a se despedir da sua identidade de criança, da maneira que seus pais lhe tratavam durante a infância e dos anseios em se apresentar para a sociedade adulta, como um jovem, com novas responsabilidades e desafios (Da Cruz et al, 2010).

Nesse sentido, a adolescência consiste na maturação do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, assim como, de instabilidade emocional e de intensificação das mudanças físicas e mentais, devido à puberdade. Portanto, essa fase decorre na faixa etária de 10 a 19 anos de idade, divergindo-se entre a adolescência inicial (10 e 14 anos de idade) e adolescência final (15 a 19 anos de idade). Dessa maneira, tal etapa é uma passagem entre a infância e a vida adulta, onde nela ocorrem conflitos de nível pessoal, familiar, educacional e convivência a coletiva, com isso, acontecem no dia-a-dia desse jovem sentimentos de ambivalência, provocando incertezas do seu futuro, da busca pelo “pertencimento próprio”, alterações do humor, conflitos com a família e, principalmente, atitudes de risco à sinais depressivos e ansiosos (Avanci et al, 2007).

Nesse período, o jovem pode apresentar fragilidades psicológica, o qual é um fator associado a saúde mental desse público, estando interrelacionado a doenças como a depressão que corresponde ao transtorno mental caracterizado pela perda de humor, interesse ou prazer, além da sensação de culpa e baixa autoestima, distúrbios do sono e alimentares, falta de

energia e de concentração. Diante disso, tais sofrimentos geram desequilíbrios psicológicos, podem interferir nas decisões pessoais e na compreensão pelo adolescente às exigências da família, escolas e universidades, principalmente, sem o acompanhamento por uma escuta qualificada, o que possibilita o diagnóstico efetivo de possíveis frustrações e transtornos mentais (Chaves, 2018).

Consequentemente, aproximadamente 450 milhões de pessoas, no mundo, apresentam um quadro clínico de transtorno mental. No que tange ao Brasil, a depressão representa um problema de saúde pública, com uma possibilidade de alcançar o ranking de segunda maior patologia com incidências em 2023. Em seguida, a doença, em segundo lugar, é a ansiedade comumente associada aos casos de depressão, também, está relacionada a diminuição da qualidade de vida (Leão et al, 2018).

Neste contexto, a ansiedade dá-se como uma resposta fisiológica do ser humano ao meio inserido e às situações que vivencia, sendo uma reação natural para a autopreservação, podendo gerar um estado de apreensão e medos sem fundamentos. Desse modo, tal condição patológica, ocorre mais frequentemente e intensamente, com as reações de incapacidade, trazendo prejuízo no cotidiano do paciente, como evasão escolar, isolamento social e abuso de substâncias nocivas (Gomes et al, 2019).

A partir disso, faz-se importante ampliar os estudos sobre os malefícios da depressão e ansiedade em adolescentes, em especial, os que estão em cenário escolar, devido à gravidade dessas doenças, os danos que estas podem causar ao bem-estar dos indivíduos e a sua incidência crescente, na atualidade (Moreira & Bastos, 2015). A nível de Brasil, 5,8% contingente populacional apresenta algum tipo de transtorno mental, sendo estimado 11,5 milhões de pessoas, elegendo o país como primeiro lugar no ranking de acometimento por adoecimento mental por 'n' número de habitantes, na América Latina e segundo lugar das Américas (Brasil, 2019).

Em suma, o presente estudo objetivou-se relatar a experiência de uma ação de educação em saúde referente ao tema saúde mental, analisando as necessidades individuais de cada aluno, a fim de prestar uma assistência integral e especializada, junto a coordenação pedagógica da escola, por meio, de palestras e grupos terapêuticos semiestruturados, sendo voltada à adolescentes de uma escola pública em um município da Amazônia Brasileira.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de cunho qualitativo, exploratório e descritivo, de caráter crítico-reflexivo, sobre uma intervenção permanente destinada à uma análise psicanalítica do público infante-juvenil, idealizada por 04 acadêmicas do curso de graduação em enfermagem, pela Universidade do Estado do Pará, sob a supervisão de uma enfermeira especialista em saúde mental. Assim sendo, a pesquisa em questão ocorreu com 02 turmas, da escola EEEM Ana Pontes Francez, a qual representa uma instância da rede básica de educação, no município de Tucuruí-PA.

Desse modo, o critério adotado para a escolha da amostragem foi o de conveniência, considerando-se o público já regulamente matriculado na instituição, estimando cerca de 74 alunos, entre 50 alunos da turma de 06º ano do ensino fundamental e 24 alunos do 01º ano de ensino médio, sendo no total 37 do sexo feminino e 13 do masculino, entre a faixa etária de 13 a 17 anos. Portanto, foi possível abranger uma população bastante diversificada de crianças e jovens, tendo em vista que a ação considerou o estado mental de cada um, respeitando o tempo e preparo em expor sua dor emocional com todos os presentes, no momento do encontro.

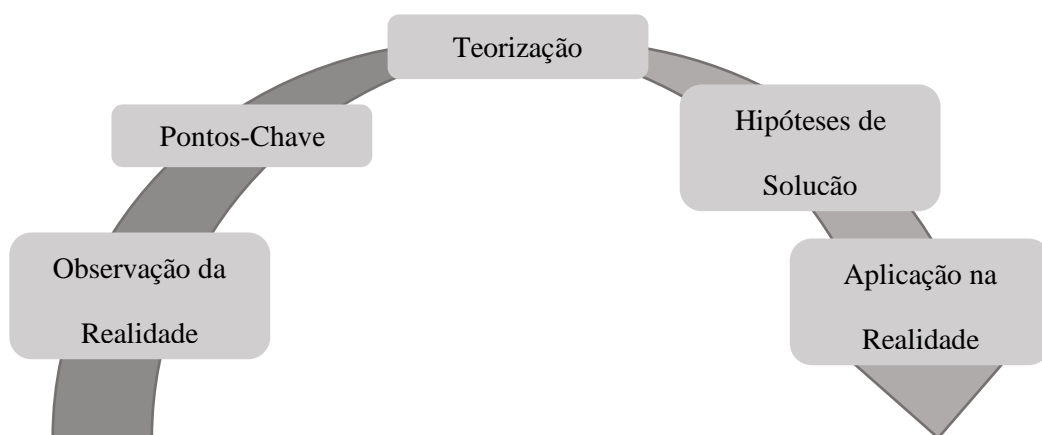
A partir disso, na busca de uma abordagem facilitadora da aprendizagem, se constitui o *corpus* da metodologia ativa, com uma abordagem didática que permite ao pesquisador descreva o tipo de problema, riscos e benefícios, bem como, as hipóteses de solução, visando associar variáveis determinantes, apresentar propostas de mudanças ou formação de opiniões dos grupos sociais. No caso deste estudo refere-se à adaptação a discentes de diferentes idades, níveis de escolares e tipos de preocupações cotidianas, o que acarreta diferentes sofrimentos psicológicos (Pereira et al, 2018).

Logo, é importante ressaltar que o estudo se baseou no método da problematização, com aplicação das 05 etapas do Arco de Magueres - esquema 01, considerando que na primeira foi realizada a observação da realidade que detectou a real relevância de ações com a temática de saúde mental, dentro das escolas municipais. Com isso, houve a detecção de 02 problemáticas centrais, a primeira constou na alta taxa de mortalidade, entre jovens, decorrente do suicídio e, segundo o déficit na rede de atenção psicossocial, devido à falta de apoio do governo regional na criação de um núcleo de assistência psicológico específico para jovens.

À vista disso, o grupo reconheceu a importância em tratar de problemas psíquicos entre adolescentes, sendo escolhido como local de prática, uma escola, considerando

encontrar o público de interesse em uma possível situação de vulnerabilidade social, sendo que, provavelmente, não dispõem de acompanhamento psicanalítico. Com isso, solicitamos a autorização da direção do colégio, disponibilidade de datas, turmas e horários para a realização da ação que foi realizada no intervalo das aulas, pelo período da tarde, no horário de 14h45min às 15h45min (01 horas), com 20 minutos de palestra e 40 minutos de discussão nas rodas de conversa, com os grupos terapêuticos, durante os dias 15 e 16, do mês de maio de 2019.

Esquema 1. 05 Etapas do Arco de Maguerz.



Fonte: Autores (2020).

Em seguida, houve a definição dos principais pontos-chave que resultaram no aparecimento da problemática e seus principais determinantes, considerando: Quais os principais fatores que levam os jovens a tornarem-se mais vulnerais para o aparecimento das doenças mentais? Qual entendimento do adolescente acerca da saúde e transtornos mentais? e Como amenizar a problemática na comunidade de adolescentes da ação?

Posteriormente, as pesquisadoras buscaram embasamento teórico nas plataformas de pesquisa online National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), indexando os descritores “educação em saúde”, “saúde mental” e “adolescência”, onde encontramos 37 trabalhos na área da temática saúde mental nas escolas, dos quais 16 atenderam aos objetivos deste estudo.

Nesse sentido, ocorreu o estabelecimento das hipóteses para solução da problemática, que foram baseados na revisão bibliográfica, o qual se constituiu na elaboração de um plano de ação viável que buscou amenizar os principais problemas com relação ao bem-estar psíquico dos jovens, considerando traçar propostas pedagógicas, de acordo com cada série, visando estimular o indivíduo, com relação à temática e atividades desenvolvidas, as quais foram colocadas pela equipe de acadêmicos e escolhida por votação aberta, assim, os conteúdos apresentados foram: “Depressão”, “Ansiedade”, “Depressão versus Tristeza” e “Redes Psicossociais”, abordados através dos métodos tradicionais e cognitivista.

Por fim, ocorreu a fase de efetivação na realidade com os encontros com as duas turmas em momentos diferentes, devido a diferença de idade entre elas, foram utilizados na intervenção metodologias ativas, como sala invertida e jogos de interação, investigando o que os participantes já sabiam sobre transtornos mentais, o estreitamento dos laços afetivos entre eles e a identificação de possíveis casos de depressão.

3. Resultados e Discussão

Atualmente, observa-se o aumento das discussões com relação ao retorno dos hospitais psiquiátricos, já no que se refere a rede de saúde mental, percebe-se a marginalização desse setor principalmente no acolhimento e na detecção precoce de doenças ou distúrbios mentais (De Medeiros & Lima, 2019). Dessa maneira, destaca-se a importância da realização de atividades de educação em saúde voltadas para o tema em questão, que articulem o trabalho coletivo entre as esferas de ensino e saúde, objetivando promover atividades com a população, em especial os mais jovens, posto que os transtornos psiquiátricos, frequentemente, iniciam na infância e adolescência, podendo persistir até a idade adulta (Mason, 2019). Como indica Mourté et al. (2017) e Cardoso, (2011).

Nesse contexto, profissões cuja prática representa uma ciência aplicada, que envolve a dimensão afetiva das pessoas e suas relações com o mundo, deveriam valorizar o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas dos educandos, por meio de uma abordagem que possibilite a interconexão das múltiplas dimensões envolvidas nas práticas laborais. (Mourthé et al. p. 3, 2017)

O cuidado em saúde mental é decorrente de uma intrínseca relação entre os serviços de saúde, seus profissionais, o paciente e sua família, considerando as particularidades de cada contexto cultural, social e econômico. (Cardoso p. 2, 2011)

No que tange as limitações encontradas pelo estudo, reporta-se à restrita disponibilidade de horário entre as aulas, outro fator foi a retração dos discentes em discutir sobre o tema, o que ressalta o tabu estigmatizado em volta da doença mental, do mesmo modo, que abordar os altos índices de suicídio entre esse público, além desses, ressalta-se uma das principais problemáticas foi o encaminhamento dos possíveis casos identificados de transtornos mentais. O que Feitosa et al. (2011) identifica:

A atenção às crianças brasileiras na área da saúde mental infantil constitui necessidade imperativa e com demanda crescente. A falta de serviços e especialistas nesta área é preocupante, fato que contribui para que os profissionais de saúde, de maneira geral, tenham grande dificuldade para encaminhar crianças com algum tipo de dificuldade emocional. Os poucos serviços existentes possuem longas filas de espera e nem sempre as crianças recebem assistência adequada (Feitosa et al. p. 06, 2011)

Assim, de modo geral, as categorias temáticas propostas foram: (1) Principais fatores que levam os jovens a tornarem-se mais vulnerais para o aparecimento das doenças mentais; (2) Entendimento do adolescente acerca da saúde e transtornos mentais; (3) Estratégias para abordar a saúde mental em grupos de adolescentes.

Principais fatores que levam os jovens a tornarem-se mais vulnerais para o aparecimento das doenças mentais

Segundo Feitosa et al. (2011) até a década de 1970, pensava-se que o padecimento mental era raro entre as faixas etárias mais jovens, entretanto, este fato vêm se alterando gradativamente nos últimos anos, de tal forma, que de acordo com um relatório da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em parceria com a OMS (2016), o suicídio entre crianças e jovens de 10 a 19 anos de idade é terceira causa de morte entre adolescentes em 15 países americanos, e a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 19 anos em nível mundial.

Entende-se, portanto, que um dos fatores que levam ao processo de agravamento do transtorno mental, que culmina no suicídio, é o estado de vulnerabilidade que o processo de adolecer acarreta a vida do adolescente, haja vista, que o jovem neste momento passa por uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais e necessita apreender a saber enfrentar ela, como Rossi et al. (2019) afirma em seu estudo:

Entretanto, para além das idades, pesquisadores apontam que o conceito de adolescência se transforma com as mudanças da sociedade em um interjogo entre a evolução na estrutura do pensamento, na forma como o indivíduo compreende seu contexto social, em meio às pressões advindas deste mesmo contexto. Assim, as significações atribuídas pela sociedade às diversas realidades possíveis atuam como referências para a constituição dos sujeitos, multiplicando as possibilidades de vivência das adolescências, no plural. (Rossi et al. p.2, 2019)

Todavia, é importante ressaltar que embora o crescimento do indivíduo seja um fator que deve ser levado em consideração, a gênese para o início da doença mental vincula-se a diversos outros fatores como: genética, problemas cerebrais, falecimento de pessoas significativas, eventos traumáticos, além de questões sociais e culturais que refletem de forma significativa no desenvolvimento infantil. Sendo que atualmente têm-se verificado uma relação consistente entre os transtornos mentais e problemas familiares e/ou violência (De Medeiros & Lima, 2019).

Em uma das pesquisas, adolescentes expostos à violência intrafamiliar e urbana mostraram ter duas vezes mais problemas de saúde mental. Os que foram expostos à violência familiar mostraram-se três vezes mais propensos a apresentar problemas do que os expostos à violência urbana, a corroborar a importância das relações familiares para uma boa condição de saúde mental. (Feitosa et al. p. 12, 2011)

Ressalta-se, ainda, que embora estudos relacionados à saúde mental infantojuvenil tenham tido um crescimento após a instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dos Centros de Atenção Psicossociais Infantojuvenis (CAPSij), eles ainda são incipientes considerando-se, especialmente, a população adolescente. Ou seja, a atenção a saúde mental é mais voltada para a população adulta e para o movimento de luta antimanicomial, enquanto a rede de saúde mental dirigidas às crianças e adolescentes continua sendo escassa (Mourthé et al. 2017).

Nessa perspectiva, nota-se que o grupo em questão possui variadas personalidades, de acordo com cada indivíduo avaliado. Por esse motivo, após a separação dos grupos terapêuticos, pôde-se entender que os assuntos que os abalam emocionalmente são basicamente relacionadas a família, autoimagem e relacionamentos, sendo esses tópicos capazes de explicar alguns fatores íntimos de cada um e promover a descoberta de situações de situações de agressão e abuso.

Entendimento do adolescente acerca da saúde e transtornos mentais

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2016), não há definição "oficial" do que é saúde mental, todavia, alguns autores afirmam que ela é o estado de funcionamento harmônico que as pessoas desenvolvem e mantêm, para viver em sociedade, em constante interação com seus semelhantes e meio ambiente. Sendo essencial que o indivíduo possua o conhecimento acerca do tema, para identificar alterações mentais em si ou em pessoas que o rodeiam.

Destarte, a pesquisa iniciou investigando a percepção dos discentes acerca da saúde e transtornos mentais, que averiguou que a visão dos participantes com relação ao tema supracitado é distorcida, haja a vista, que quando perguntado o que é um doente mental? A maioria do público referiu como sendo alguém engraçado que pode ser potencialmente perigoso. Tal perspectiva é reforçada no estudo de Marson, 2019, que afirma que o preconceito não é expresso abertamente, entretanto, perpetua-se de forma encoberta e sutil.

Dessa forma, ressalta-se a importância da ruptura dos paradigmas segregacionista com relação a doença mental. Sendo que nesta experiência, utilizou-se a educação em saúde por meio de quatro palestras interativas com duração de 15 minutos cada, sobre os temas: depressão, ansiedade, tristeza versus depressão e redes psicossociais. Logo após as exposições, foi aberto espaço para a discussão sobre a temática, que possibilitou aos estudantes expressarem seus pensamentos, levando-os a serem o protagonista de seu aprendizado. Como comprova Nascimento et al. 2015.

Portanto, é imprescindível abrir espaços discursivos em sala de aula, onde os estudantes possam expressar seus pensamentos por meio da relação comunicativa entre aluno-aluno e aluno-professor como estrutura necessária para o fortalecimento do protagonismo estudantil e fortalecimento do papel do professor como agente transformador e inovador no ambiente escolar e social. (Nascimento et al. p. 3, 2015)

Diante disso, no decorrer das palestras percebeu-se o entusiasmo dos educandos em comentar sobre a temática, pois eles passaram a perceber que estes temas de saúde mental estão, geralmente, inseridos durante o seu dia. Contudo, não eram tratados com a devida clareza que mereciam, e o mais agravante ainda, em alguns casos foi comentado que tais situações eram tratadas com discriminação. Logo, com isso foi possível averiguar que as palestras atingiram o seu intuito, levando em consideração o nível entendimento que os alunos apresentaram. O que Nascimento et al. 2015 afirma como positivo:

A troca de experiências entre os alunos faz com que haja maior interação entre todos os participantes das palestras. Por isto, é importante que as escolas promovam uma formação integral do aluno, inserindo em seu contexto a atuação dos mesmos na sociedade, contemplando temas do dia a dia, de forma que venham a constituírem-se como instrumentos de reflexões. (Nascimento et al. p. 9, 2015).

Nesse sentido, observa-se que os alunos compreenderam o tema, por meio das abordagens empregadas, de modo que estas últimas foram facilitadoras de entendimento sobre o assunto. Dessa forma, segundo os discentes, falar sobre depressão e as questões que cercam a temática são imprescindíveis para reconhecer e ajudar quem precisa, haja vista que muitos não estão atentos aos sintomas ou sinais, que podem identificar a problemática, e auxiliar o próximo, de modo empático e amigável, a fim de fornecer o amparo emocional, essencial nessas situações.

Estratégias para abordar a saúde mental em grupos de adolescentes

É importante frisar que as intervenções realizadas no âmbito escolar direcionadas para a promoção da saúde necessitam ser centradas no humano dentro de um contexto, ou seja, precisam partir do indivíduo, todavia, exigem levar em consideração a composição familiar, social e comunitário. Nesse viés, acredita-se que o ambiente escolar, por ser um local frequentado diariamente pelo adolescente, é propício ao desenvolvimento de estratégias educativas para prevenção do uso de drogas, uma vez que a educação em saúde promove a reflexão do público-alvo acerca do tema tratado, tendo como consequência uma mudança de comportamento (De Medeiros & Lima, 2019)

Levando isto em consideração, foi iniciado uma abordagem com metodologias ativas, mediado pela criação de grupos terapêuticos em sala de aula, que buscaram potencializar a troca de diálogos sobre a sua saúde mental por meio do acolhimento, assim procurando distinguir sinais e sintomas de portadores de sofrimento mental, com ênfase em depressão e ansiedade, assim como os encaminhando para a ajuda terapêutica conforme cada caso (Feitosa et al. 2011).

Os grupos terapêuticos foram divididos de acordo com o que o aluno identificava como sendo a sua principal problema, nessa conjuntura foram elencados quatro pequenos grupos que possuíam uma problemática principal, sendo eles a família, as relações interpessoais, a autoestima ou a escola, os quais Facukada et al. (2012) apresenta como os

prevalentes fatores que prejudicam a saúde mental dos adolescentes. A partir disso, os alunos tiveram que escolher para qual grupo iria de acordo com o seu principal problema.

Dessa maneira, os percentuais para cada problema apresentado das duas turmas foram família (62%), escola (14%), autoestima (10%) e relações interpessoais (14%). Logo, ficou evidente que na visão do adolescente, o ceio familiar é o principal agente estressor, isto ocorre, segundo o Ministério da Saúde, devido este período ser um momento de grande mudanças tanto físicas como psicológicas para os jovens, o que para a família às vezes torna-se difícil de compreender (Brasil, 2016).

Assim, esta fase abala o ciclo vital familiar e seu estilo de vida gerando tensão e fragilidades nas relações, o que geralmente termina em confrontos que podem perpetuar durante um longo período, tendo em vista que, segundo Fontes et al. (2017), os laços familiares modernos são considerados instáveis, pois de acordo com a modernidade, existem divergências entre o modelo hierárquico tradicional, o que proporciona maior dificuldade em estabelecer diálogo entres os membros. Entende-se, portanto, que somente a flexibilidade por parte dos envolvidos é a chave para o entendimento familiar.

Posteriormente, após a escolha de cada adolescentes pelos seus respectivos grupos, estes foram convidados à expor o seu ponto de vista sobre os fatores que contribuem para algum tipo de sofrimento mental. Tal estratégia, possibilitou o estreitamento dos laços afetivos entre a turma, a busca de formas para resolutividade dos problemas desencadeadores e a explicação dos meios para a busca de ajuda. Este processo de autoajuda por parte dos colegas, mostra que o conhecer e o aprender só se constrói a partir das trocas realizadas entre o sujeito e o meio, sendo que a afetividade interfere diretamente no aprendizado dos alunos (Leão et al, 2018).

Nesta estratégia, pode-se identificar, por meio, dos sinais e sintomas possíveis casos de problemas mentais, sendo 02 de depressão, 05 transtornos de ansiedade, 03 de auto mutilação, e 01 de tentativa de suicídio, sendo importante ressaltar que todos foram encaminhados para grupos de apoio mental no CAPS, devido o município não possuir CAPSij e o caso mais grave foi encaminhado pelo docente especialista em saúde mental que estava acompanhando a equipe para ajuda psiquiátrica no CAPS.

À vista disso, é importante destacar que o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPS ij), tem por finalidade disponibilizar a atenção comunitária em saúde mental de forma integral além de organizar uma rede de cuidados existentes no seu território de abrangência, tornando-se elementos estratégicos no cuidado de crianças e adolescentes com transtornos mentais. Nesse viés, os CAPSij assumem especial relevância no cenário de

novas práticas em saúde mental no país, configurando-se como dispositivo estratégico para reversão do modelo hospitalar no cuidado de crianças e adolescentes.

Entre as exposições dos adolescentes, lamentavelmente houve a descoberta de 01 caso grave de abuso sexual por familiar próximo. Este caso foi informado ao docente coordenador, que informou ao psicólogo da instituição para que este pudesse acolher da melhor forma o adolescente, além disso foram acionados o CREAS e o conselho tutelar para que este tomasse as medidas legais cabíveis.

Nesse contexto, a integralidade e a rede intersetorial instituída e articulada são potencializadoras no cuidado às vítimas em situação de violência sexual. Dentre os requisitos mínimos, na resposta a situações de violência, destacam-se as políticas públicas e os protocolos; o apoio dos gestores e os recursos financeiros; a atenção integral e a colaboração intersetorial, pois as iniciativas intersetoriais possibilitam ações de atendimento, proteção, prevenção a novas situações e medidas para possibilitar a responsabilização dos(as) autores(as) de agressão (Egry et al, 2017).

Por fim, percebe-se que a insegurança, vergonha e o medo são presentes nessas situações, tornando difícil expor as situações em sua totalidade, para isso, os profissionais devem estar dispostos a aceitar o tempo de cada indivíduo e não forçar debates, além de que deve-se melhorar a rede de atenção psicossocial e de rastreio a violência a crianças e adolescentes.

Sendo, que tais descobertas de abuso tanto físico como mental, apontam a necessidade de intervenções permanentes e concretas no âmbito escolar, que possam diminuir possíveis desportismos, prevenindo o desenvolvimento de transtornos mais graves. Dessa forma, como medida de solução foi proposto à coordenação pedagógica que ações, feiras estudantis, fóruns de discussão sobre saúde mental, tornem-se comuns no cotidiano escolar, para as futuras gerações, sem nenhuma restrição sobre tal conteúdo (Nascimento et al, 2015).

Pois, a integração ensino-serviço, de acordo a portaria do Ministério da Saúde do Brasil nº 1.802, de 26 de Agosto de 2008, é essencial para fortalecer a política de educação permanente, por meio da atuação das instituições de educação superior e dos profissionais da rede de saúde na supervisão acadêmica das atividades desempenhadas pelos estudantes.

4. Conclusão

Em suma, com esta experiência pode-se aliar o conhecimento científico trabalhado durante a formação acadêmica ao empírico, pois, perante a seriedade e amplitude desta

problemática, tornou-se relevante conhecer o entendimento dos adolescentes acerca da doenças mentais, uma vez que estes têm que lidar no cotidiano com agentes estressores como, atividades escolares, conflitos psicológicos, sociais, familiares, e em meio a tudo isso, o processo de construção de uma identidade pessoal.

Em vista disso, o intuito desta ação visou observar a presença de transtornos depressivos e de ansiedade em discentes de uma instituição pública, no município de Tucuruí-PA, por meio de grupos terapêuticos de prevenção como forma dessa condição patológica e prestar assistência aos alunos que foram detectados durante a ação, com a sintomatologia instalada. Além disso, buscou-se abordar outros mecanismos de fortalecimento da saúde mental, pois, chamam também atenção, os casos de suicídio neste segmento da população, devido suas tendências ascendentes.

Contudo, é importante ressaltar o déficit na rede de atenção psicossocial voltada ao grupo infanto-juvenil, uma vez que há a inexistência de apoio governamental, na região, para fomentar a criação de um núcleo de assistência psicológico específico para o público supracitado.

Referências

Avanci, J. Q., Assis, S. G., Oliveira, R. V., Ferreira, R. M., & Pesce, R. P. (2007). In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, 23(3), 287-294. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300007>.

Brasil, Ministério da Saúde, (2016). *Famílias e adolescentes*. Brazilian-DF. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/familia_adolescentes.pdf.

Brasil. Organização Mundial da Saúde, (2019). Recuperado de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839.

Cardoso, L. & Galera, S. A. F. (2011). O cuidado em saúde mental na atualidade. In: *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 45(3), 687-691. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000300020>

Chaves, S. C. L., Almeida, A. M. F. D. L., Reis, C. S. D., Rossi, T. R. A., & Barros, S. G. D. (2018). Política de saúde bucal no Brasil: as transformações no período 2015-2017. In: Saúde em Debate, Rio de Janeiro, 42(2), 76-91. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s206>.

Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A., & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. Psico-usf, 15(3), 321-332.

De Medeiros, C. F., & de Lima, K. R. R. F. (2019). O sistema único de saúde dentro do retrocesso manicomial: a luta dos/das assistentes sociais nesse processo. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019, 16(1).

Egry, E. Y., Apostólico, M. R., Morais, T. C. P., & Lisboa, C. C. R. (2017). Enfrentar a violência infantil na Atenção Básica: como os profissionais percebem? Revista Brasileira de Enfermagem, 70(1), 119-125.

Feitosa, H. N., Ricou, M., Rego, S., & Nunes, R. (2011). A saúde mental das crianças e dos adolescentes: considerações epidemiológicas, assistenciais e bioéticas. Revista bioética, 19(1), 259-276.

Fontes, L. F. C., Conceição, O. C., & Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. Ciência & Saúde Coletiva, 22, 2919-2928.

Gomes, I. P., Pereira, R. A. D. C., Santos, B. F. D., Pinheiro, M. D. A., Alencar, C. H., & Cavalcanti, L. P. D. G. (2019). Fatores Associados à Manutenção do Vício de Fumar e do Consumo de Álcool entre Acadêmicos de Medicina em uma Capital do Nordeste do Brasil. Revista Brasileira de Educação Médica, 43(1), 55-64.

Leão, A. M., Gomes, I. P., Ferreira, M. J. M., & Cavalcanti, L. P. D. G. (2018). Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. Revista brasileira de educação médica, 42(4), 55-65.

Maison, C. L. (2019). Prevalência, continuidade e fatores de risco dos transtornos psiquiátricos na adolescência (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Ministério Da Saúde (BR). Portaria Interministerial N° 1.802, DE 26 AGO 2008. Institui O Programa De Educação Pelo Trabalho Para A Saúde - PET-Saúde. Diário Oficial União. 27 AGO 2008.

Moreira, L. C. D. O., & Bastos, P. R. H. D. O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 445-453.

Mourthé Junior, C. A., Lima, V. V., & Padilha, R. D. Q. (2017). Integrando emoções e racionalidades para o desenvolvimento de competência nas metodologias ativas de aprendizagem. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 22, 577-588.

Nascimento, M. M. B., Oliveira, A. B. D., Nobre, M. E. P., Garcia, V. F., Teixeira, L. C. (2015) Abordando temas transversais por meio de palestras: uma experiência formativa no âmbito do PIBID. XII Congresso Nacional de Educação. ISSN 2176-1396.

Organización Mundial de La Salud; Organización Panamericana de la Salud, (2016). *Prevención de la conducta suicida*. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud.

Rossi, L. M., Marcolino, T. Q., Speranza, M., & Cid, M. F. B. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, e00125018.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Lauany Silva de Medeiros – 10%

Karen Silva de Castro – 10%

Nayara Fernanda Alves Moreira – 10%

Michele Pinheiro Ferreira – 10%

Amanda Ouriques de Gouveia – 10%

Renata Campos de Sousa Borges – 10%

Valeria Regina Cavalcante Santos – 05%

Milena Coelho Fernandes Caldato – 05%

Daniele Lima dos Anjos Reis – 05%

Jose Ronaldo Teixeira de Sousa Junior – 05%

Carmem Lúcia de Araújo Paes – 05%

Aline Ouriques de Gouveia – 05%

Laís Araújo Tavares da Silva – 05%

Alisson Ouriques De Gouveia – 05%